



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PRIMORDIOS, CONCEITOS E METODOLOGIA.

Maria Lucia Loureiro Paulista¹
PG-UEMS/CG/NEAD

Uma Língua ou variedade de língua vale o que valem seus falantes.
(Maurizzio Gnerre)

*A Sociolinguística nos ensina que onde tem variação (linguística)
sempre tem avaliação (social).*

(Marcos Bagno)

*Toda pessoa que comece a estudar a língua em seu contexto social
imediatamente depara com o clássico problema metodológico: os
meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem
coletados. O método mais básico para se obter uma quantidade de
dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual
gravada. A fala da entrevista é fala formal – não por qualquer medida
absoluta, mas em comparação com o vernáculo da vida cotidiana.*

(William Labov)

Resumo: O presente ensaio é uma primeira leitura de tema tão fascinante para um tentáculo da Linguística, denominada aqui de Sociolinguística e tem a pretensão de mostrar alguns conceitos básicos da Sociolinguística variacionista através da lente da metodologia que foi aplicada pelo linguista William Labov em meados de 1960, enfatizando os tipos de variação e alguns passos da metodologia sociolinguística.

Palavras chave: Sociolinguística. Variação. Metodologia.

Abstract: The present essay is a first reading theme so fascinating to a tentacle of linguistics, called here the socio-linguist Who pretends to show some basic concepts of sociolinguistics variationist through the lens of the methodology that was applied by the linguist William Labov in mid-1960, emphasizing the types of chance and a few of steps in sociolinguistic methodology.

Keyword: Sociolinguistics. Variation. Methodology.

¹ Orientanda do Professor Dr. Marlon Leal Rodrigues – Docente UEMS/CG

1. A ORIGEM DA SOCIOLINGUÍSTICA E ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de forma inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano (ALKMIN, 2001, p. 21). Esta é a primazia da dos estudos da Sociolinguística que tem como seu objeto o estudo da variação que são pautados nas questões de ordem cultural e social. Desde o princípio da civilização os seres humanos se organizavam em sociedade e, com a evolução histórica, criaram um sistema de comunicação oral, ou seja, uma língua. Sabemos que todas as línguas no mundo são uma continuidade histórica, logo a Sociolinguística trata a língua como um fenômeno comum a todos os grupos humanos, diferentemente dos antigos filósofos que utilizaram a língua escrita para descrever e estudar a língua. É o campo do conhecimento que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística (CEZARIO, VOTRE, 2013, p. 141).

Para entender melhor os pressupostos da Sociolinguística precisamos primeiramente contextualizar os estudos da linguagem do século XX. Com a publicação do Curso de Linguística Geral (Saussure [1916], 1977) o marco do surgimento da linguística moderna, da linguística enquanto ciência da linguagem. Como diria a professora Maria Cristina Altman (USP) “uma linguística do tempo dele”, delimitando e definindo seu objeto de estudo, estabelecendo seus princípios gerais e seu método de abordagem, enfatizando que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios e funcionamento, constituindo um todo coerente (COSTA, 2013, p. 114).

Conforme Kenedy, em continuidade aos estudos da linguística vem o linguista Noam Chomsky, com um novo jeito de observar, descrever e explicar os fatos das línguas naturais que estava interessado em descrever a estrutura da gramática universal (Gramática Transformacional), pois acreditava ser inata e a única forma de descobrir a estrutura básica de todas as línguas pelo fato de estudar o conhecimento intuitivo que as pessoas têm da sua língua materna, de modo a aproximar a língua ao pensamento humano universal. Chomsky cria a tarefa do linguista: descrever a competência do falante, ou seja, toda capacidade que o falante tem em relação às frases: ele compara estruturas sintáticas semelhantes, separa frases que fazem parte da língua, estas são as capacidades de um falante ideal. Ou seja, o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, é um objeto de natureza psicológica. E assim explica:

“O papel do gerativismo no seio da linguística é constituir um modelo teórico capaz de descrever e explicar a natureza e o funcionamento dessa faculdade, o que significa procurar compreender um dos aspectos mais importantes da mente humana” (KENEDY, 2008, p. 129).

O processo criativo da linguagem humana já tinha chamado a atenção de filósofos como Descartes, entre outros; e o modelo gerativo buscou esta propriedade da linguagem humana que independentemente do seu grau de inteligência ou de instrução, têm a capacidade de produzir e compreender, sem esforço uma infinidade de sentenças nunca antes imaginadas (NEGRÃO, 2015, p. 81).

Pioneiros como Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman chamaram a atenção para uma série de fenômenos interessantes, tais como a diglossia² e os efeitos do contato linguístico, mas conforme Scarbi foi William Labov, na década de 60, por meio de sua pesquisa sobre o inglês falado na ilha Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, quem demonstrou a possibilidade da variação linguística ser objeto de sistematização.

Pela primeira vez alguém conseguiu destacar o papel preponderante dos fatores sociais na explicação da variação linguística. Em 1964, após o término de sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em New York, ele estabeleceu um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas, e a esse modelo deu-se o nome de Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

A sociolinguística parte do ponto de vista que qualquer língua falada por qualquer comunidade exige sempre variações, o que significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades.

1.1. VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A variação está por toda parte, pelo simples fato de existir em todo mundo uma grande variedade de línguas. E não existem por acaso, pois é de suma importância para a vida em sociedade, podendo ser estudada dentro de uma mesma língua entre outras línguas, através de mudanças, por bilinguismos, etc.

² Conforme o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, diglossia é a situação em que há coexistência de duas línguas ou dois dialetos numa comunidade ou num indivíduo, geralmente usados em contextos ou objetivos diferentes.

A sociolinguística estuda a variabilidade linguística a partir de dois pontos de vista: diacrônico e sincrônico. Do ponto de vista diacrônico (histórico), o pesquisador estabelece ao menos dois momentos sucessivos de uma determinada língua, descrevendo-os e distinguindo as variantes em desuso (arcaísmos). Do ponto de vista sincrônico (mesmo plano temporal), o pesquisador pode abordar seu objeto a partir de três pontos de vista: geográfico (diatópico), social (ou diastrático), e estilístico (contextual ou diafásico).

Labov (1964) desenvolve a Teoria da variação Linguística a qual define como heterogênea, de caráter social, de variabilidade submetida, considerando a heterogeneidade como inerente a língua. Mesmo que se pense que a heterogeneidade implica ausência de regras, a língua sendo um sistema heterogêneo dotada de variação é constituída por um conjunto estruturado de regras. São sistemas heterogêneos e não homogêneos como postulavam Saussure e Chomsky. Por isso, a teoria da variação e mudança nos permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística, pois para Labov, a língua não se “localiza” na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falantes (MENDES, 2015, p. 113).

A variação é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou o mesmo valor de verdade, e com o mesmo significado. Dois requisitos devem ser cumpridos para que ocorra a variação: as formas envolvidas precisam ser intercambiáveis no mesmo contexto e manter o mesmo significado (COELHO, GORSKI, MAY, SOUZA, 2010, p. 23-24). E essa variação inerente às línguas, não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico e nem a possibilidade de comunicação entre falantes.

1.2. VARIANTES LINGUÍSTICAS:

Variantes são as formas individuais que “concorrem” em uma variável. E elas costumam receber valores distintos pelas comunidades e estão em relação de concorrência: padrão vs. não- padrão; conservadoras vs. Inovadoras; de prestígio vs. Estigmatizadas. E elas em ordem determinam uma ou mais variáveis independentes de natureza linguística (fonético-fonológico, morfológica, sintática, semântica, lexical, estilístico- pragmática) ou extralinguística (geográfico, sócio econômico, grau de escolaridade, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais). Ou seja, “variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em mesmo contexto, e com mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1986, p. 8).

I - Variante padrão:

São aquelas que são regidas pelos manuais de norma padrão, ou seja, aquelas usadas por ocupantes de posições sociais privilegiadas, com pessoas de níveis de escolaridade mais elevados, é ao mesmo tempo, conservadora e goza de prestígio sociolinguístico na comunidade.

II - Variante não padrão:

“São aquelas não prestigiadas na sociedade em geral, como por exemplo: quando alguém diz, “broco”, “me alembrei agora...”, palavras que desencadeiam o preconceito linguístico³.

III - Variantes inovadoras:

São as variantes quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. São as novas formas que suplantam uma forma mais antiga que desaparece sem deixar vestígio. Elas entraram em concorrência com as formas antigas empregadas. Um exemplo é a palavra “você”, que foi se inovando de “Vossa- Mercê”, “Vassuncê”, “vossemecê”, “vosmecê” e num futuro não muito distante, poderá ser suplantada pelo “cê” muito falado em quase todas as comunidades de fala. Como também: Assisti ao filme = assisti o filme, inovando com uma simples mudança de regência.

IV - Variantes estigmatizadas:

São as variantes desprestigiadas da língua que são utilizadas pela maioria da população que vive nas grandes cidades, nas zonas rurais, nas periferias dos grandes centros urbanos, pelos pobres, miseráveis, semianalfabetos ou analfabetos. Ex: como as palavras mulher = mué; trabalho = trabaio; axilas =suvaco; colher = cuié; fomos = fumus; voltemos = vortemo.

V - Variantes de prestígio:

São aquelas que adquirem valor em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas suas relações econômicas e culturais, é conhecida como detentora de prestígio social entre os membros da comunidade (cf. Camacho, 2012).

³ Preconceito linguístico é o julgamento sobre falantes ou sobre grupos inteiros de uma comunidade em virtude das formas linguísticas que empregam (e essas formas geralmente são as que se afastam do padrão, sendo consideradas ‘incorretas’, ‘feias’, ‘piores’, ‘imperfeitas’ etc).

VI - Variáveis linguísticas:

São cada uma das realizações das variantes, é algum elemento da língua que realiza de maneiras diferentes a possibilidades de variação. Por exemplo: a variação entre os pronomes *tu e você*, chamamos de variável o lugar na gramática em que localizamos a variação de forma mais abstrata, no caso aqui é a expressão de segunda pessoa do singular, e ainda podemos citar a expressão da primeira pessoa do plural: cujas variantes são os pronomes *nós e gente*. Podemos então concluir que variável corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação.

VII - Variedades linguísticas:

Variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua, que se traduz de um lado pela seleção de um dos modos de falar entre vários existentes na comunidade e, de outro, pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo “correto” de falar. As diferentes maneiras de falar de uma mesma comunidade são chamadas de variedades linguísticas. O repertório verbal de um indivíduo e de sua comunidade é considerado um conjunto de variedades linguísticas. Segundo Coelho, variedade representa a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades, tanto categóricas quanto variáveis: é o mesmo que dialeto ou falar (ALKIMIM, 2012, P. 42). Existem as variedades linguísticas padrão e a não padrão.

1.2.1. Tipos de variedades

Dialeto ou variedade é um termo empregado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua de um determinado lugar, região ou província.

Socioleto designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais (classe econômica, nível cultural, profissão etc.).

Cronoleto designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes.

Idioleto designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc.

Os tipos de variedades pode-se observar a palavra – LETO (LECTO) que é derivada do grego LÉKSIS, “palavra, ação de falar”, de onde também provém a palavra léxico (BAGNO, 2007, p. 48-49).

1.2.2. Mudança linguística e o tempo

Por causa de seu longo processo histórico, as línguas sofrem mudanças, e isso não impede a comunicação das pessoas em cada um desses períodos. Em WLH (2006 [1968]), os autores afirmam que a mudança linguística não afeta a estrutura da língua, ou seja, sua continuidade é sempre estruturada enquanto há mudança. Então, “[...] será necessário aprender a ver a língua – seja do ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada”. Pois a língua é heterogênea e essa heterogeneidade deve ser buscada na comunidade da fala. Os autores também afirmam que toda mudança não envolve uma troca direta e abrupta de um elemento por outro, mas envolve sempre uma fase de concorrência (variação).

Quando existem duas variantes com o mesmo valor de verdade, podemos observar que mesmo essas variantes competindo pelo mesmo espaço, uma não vai deixar de acontecer. Por exemplo: o pronome *vós*, antigamente usado como segunda pessoa do plural, hoje é muito pouco usado (podemos encontrar em linguagem religiosa ou jurídica), ocorreu uma mudança na forma pronominal no tempo, pois atualmente utilizamos o pronome *vocês* (COELHO, et al., 2010).

“Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.”
(WLH 2006[1968], p. 126)

De uma forma geral, a mudança linguística pode ser influenciada por fatores tanto internos como externos, que automaticamente interferem no processo. Essa generalização acontece em correlação ao longo do tempo e também em diferentes áreas do espaço geográfico. Fatores observados nos estudos empíricos de comportamento linguístico dentro da comunidade de fala, como um todo, demonstram que devido ao fato de as estruturas variáveis contidas no sistema serem determinadas por funções sociais, toda ou qualquer descontinuidade encontrada na mudança resulta de descontinuidades específicas nessa mesma comunidade. (COELHO, et al., 2010). Veremos agora como são conceituados estes termos de mudança linguística:

Mudança em tempo aparente é a mudança linguística captada em estudos do comportamento linguístico de indivíduos de diferentes gerações numa comunidade, num dado período de tempo. Tal estudo possibilita identificar correlações entre a variável social idade e a variável linguística em estudo, revelando indício de (i) uma mudança concernente à idade que ocorre regularmente em cada geração (gradação etária); ou de (ii) uma mudança efetiva em progresso.

Mudança em tempo real é a mudança linguística captada em estudo (i) que compara as amostras de fala, mas não com a mesma estratificação social, relativas a dois momentos diferentes (num espaço de cerca de vinte anos), com o fim de perceber a estabilidade e/ou mudança no indivíduo ou na comunidade, respectivamente, ou (ii) que compara textos escritos de diferentes séculos (ex: peças teatrais).

Mudança em curso (ou em progresso) é aquela em andamento numa comunidade de fala (ainda não efetivada totalmente), captada por meio de estudo em tempo real (v. ‘mudança em tempo real’) ou tempo aparente (v. mudança em tempo aparente’).

Mudança por gramaticalização é um processo de mudança linguística que se dá quando determinada palavra ou expressão passa a ser usada como vocábulo gramatical ou como afixo no curso da evolução de uma língua. Quando substantivos passam a ser usados como preposições ou afixos, por exemplo, eles deixam de se comportar como um item lexical e adquirem função gramatical (ex: o substantivo *mente* do latim (*mens*) muda em português para o sufixo – *mente*, formador de advérbio de modo.⁴

1.2.3. Comunidade linguística

Segundo Dubois, *comunidade linguística* é um grupo de seres humanos que usam a mesma língua (não necessariamente a língua materna) ou o mesmo dialeto, num dado momento, e que podem comunicar-se entre si. Ou seja, é um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

1.2.4. Comunidade de fala

Uma comunidade de fala se caracteriza pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que se orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. Modelos explicativos de semelhanças e diferenças do uso da língua. Segundo Labov “um comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como

⁴ Os termos sobre tipos de mudanças foram extraídos do Glossário (COELHO, et al., 2010).

um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008[1972], p. 188). Ainda de acordo com Labov, é na comunidade de fala que a variação e a mudança tomam lugar, ou seja, neste lugar se dá a iteração entre língua e sociedade.

1.2.5. Atitudes linguísticas

Está relacionada às manifestações positivas ou negativas, ou seja, os julgamentos que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os outros. Embora as atitudes linguísticas tenham sido relacionadas ao bilinguismo (situação linguística na qual os falantes são levados a utilizar, alternativamente, segundo os meios ou as situações, duas línguas diferentes), estudos sociolinguísticos estão voltados para as atitudes linguísticas dos falantes associados aos estudos de variação e mudança linguística (FERNÁNDEZ. 1998, p. 179).

2. TIPOS DE VARIAÇÃO.

A *variação regional* ou *diatópica* (do grego *diá* = através de; e *topos* = lugar) que é aquela responsável por podermos identificar a origem de uma pessoa através do modo como ela fala. Em geral, usamos padrões lexicais particulares, certos padrões entonacionais e, principalmente certos traços fonológicos. Esta associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes.

A *variação social* ou *diastrática* (*diá* é do Latim *stratum* = camada = estrato) é representada pelos principais fatores sociais que condicionam a variação linguística como o grau de escolaridade, o nível sócio – econômico, o sexo e gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes.

A *variação de registro, estilística* ou *diafásica* (*diá* do grego = phasis = expressão modo de falar) mostra a condição de um mesmo falante usar formas diferentes dependendo da situação de comunicação em que se encontra, ou seja, suas escolhas são feitas durante o processo de interação com o outro. E podem ser caracterizados pelos meios usados para a comunicação como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta, etc.

A *variação na fala e na escrita* ou *diamésica* está relacionada etimologicamente a ideia de vários meios. Um tipo diferente de variação, pois trabalha com as características de dois códigos distintos. No caso da fala, a produção do texto falado é uma atividade espontânea, improvisada e suscetível à variação nos mais diversos níveis. Já na escrita, constitui-se uma atividade artificial (não espontânea), ensaiada,

com ambientes de maior monitoramento linguístico, regras rígidas de conformidade às formas da variedade padrão (COELHO, et al., 2010, p. 83-85).

A *variação diacrônica* é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. (Diá = e do grego Khrónos = tempo).

3. APLICAÇÃO DE UM MÉTODO

A partir de estudos relevantes sobre a atuação da linguagem em meio aos conflitos sociais, uma análise se fez necessário para entender e discernir a atuação da língua dentro dos grupos sociais. A proposta teórico metodológica de Labov surge como uma reação aos modelos saussuriano e chomskiano. E em seu livro Padrões sociolinguísticos (Sociolinguistic Patterns, 1972) apresenta uma nova proposta com os principais postulados teóricos e a metodologia de trabalho empírico dessa linguagem.

Os estudos de Labov mostram os fenômenos de variação linguística e sua função fundamental na formação de grupos e identidade através de gravação e entrevistas, que proporcionou a descoberta de detalhes na espontaneidade de fala dos entrevistados. Gravou diferentes pessoas, classes sócias, e situações de interação para depois estudar os detalhes de todo esse desempenho e produções que foi capaz de revelar minúcias antes despercebidas. E por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados seu trabalho também é conhecido por alguns como sociolinguista quantitativa (TARALLO, 2003, p. 8).

3.1. ETAPAS PARA A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

A seleção de informantes é feita na busca de uma comunidade de fala, pois, na comunidade em geral é composta por milhares de indivíduos. Muito embora, não seja o indivíduo propriamente dito que interessa ao sociolinguista, mas o grupo social onde este indivíduo está inserido. Chamaremos de informantes estes indivíduos encontrados dentro desta comunidade de fala, pois serão eles a nos fornecer os dados a serem coletados para a análise linguística. E é muito importante que estes indivíduos sejam representativos nesta comunidade.

Segundo Tarralo (2003), alguns procedimentos devem ser tomados como à *definição do universo da amostra* que faz algumas perguntas como qual a comunidade de fala que deseja estudar? Essa comunidade é de zona urbana ou rural? É uma comunidade bilíngue? Etc. a definição dessa comunidade

dará relevância na investigação desta seleção de informantes. O outro procedimento é com relação ao *tamanho e estratificação da amostra*. Em relação ao tamanho, as pesquisas mostram que não há necessidade de uma grande quantidade de informantes, sendo suficiente para garantir a representatividade, em cada grupo um número de cinco informantes por cada uma destas células. Já na *estratificação*, o importante é saber como localizar este informante, com as variantes de: ‘sexo/gênero’, ‘idade’ (três faixas etárias), e ‘escolaridade’ (três níveis), e de forma aleatória (COELHO, et al., 2010, p. 113-115).

Segundo Labov (2008), “o principal método para a investigação linguística é a observação direta da língua falada usada em situações naturais de interação social face a face”. Então a gravação de entrevistas individuais são os componentes para a coleta necessária para a análise e também, para a geração de um banco de dados. O objetivo do sociolinguista na comunidade de fala é a *coleta de dados* que se dá na observação da fala das pessoas. Para alcançar estes propósitos o linguista deve fazer uso de bons equipamentos para as gravações, formular roteiros e controlar os tópicos da conversação provocando o uso das narrativas de experiência pessoal com o objetivo de homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação e controle e análise da sua coleta.

“A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador sociolinguístico procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. A desatenção à forma, no entanto, vem sempre embutida numa linha de relato, a que chamamos “estrutura narrativa” (TARALLO, 2003, p. 23).

Alguns outros tipos de coletas de dados também poderão ser utilizados na pesquisa sociolinguística como: entrevistas anônimas e rápidas. Como nos mostra Coelho (2010):

“Labov visitou três lojas de departamentos e faz perguntas aos funcionários cuja resposta deveria ser *fourth floor* (quarto andar), e registrou em seguida os dados. O objetivo era estudar a variável ‘presença/ausência de <r> em posição pós-vocálica na cidade de Nova Iorque”.

Em observações e registros assistemáticos (em trens, ônibus, lojas, bilheterias, filas, etc.); em gravações de programas de TV e rádio; em gravações em locais de desastre (situação onde as pessoas se encontram com o estado emocional abalado); em discursos públicos; e em questionários sobre usos linguísticos de produção e percepção, no qual é observado que os informantes ao comentar fatos da própria língua, tomam mais cuidado em pronunciar. E uma coleta de dados interessante é aquela que contempla produções de fala e de escrita de um mesmo informante. Feita a coleta dos dados passamos



para a etapa da transcrição, armazenamento e análise, e divulgação dos resultados dos fatores linguísticos e sociais sobre o fenômeno extraídos deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O homem é um ser social. Essa afirmação já bastante comentada por Aristóteles, não há mais nada que verdadeiro. Afirmar que o homem é um ser social, conseqüentemente ele necessita se comunicar, e isso vem de forma espontânea, através da fala individual do usuário da língua. O papel da sociolinguística é delimitar esse campo de pesquisa, e não é uma tarefa nada fácil.

Labov critica a separação estabelecida por Saussure entre “Langue” e “Parole” e entre sincronia e diacronia e se posiciona contra os estudos imanentes da língua desconsiderando os fatores externos da língua como um sistema de signos relacionados entre si. Considerando que a natureza entre sociedade e linguagem é o resultado das suas interações, o objetivo da sociolinguística e o de sistematizar a variação existente na linguagem levando em conta que a língua passa por mutações heterogêneas, privilegiando o falante real e não o ideal. Labov diz que não existe uma comunidade de fala homogênea nem um falante ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estrutura heterogênea na comunidade de fala é um fato comprovado (COELHO, et al., 2010). A variação linguística é a mola mestra dos estudos das pesquisas sociolinguísticas, é através dela que acontecerá todo avanço nos estudos de linguísticos entre língua e sociedade.

Os pressupostos teóricos - metodológicos da sociolinguística são trabalhados em diversos centros de pesquisa do mundo. No Brasil varias universidades seguem estes pressupostos e com diversas teses publicadas visam descrever as formas variantes do português brasileiro e explicar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem /desfavorecem as variantes linguísticas. E outros aproveitam o aparato teórico metodológico da sociolinguística para preparar o *corpus* e coletar dados como é o caso do projeto Discurso & Gramática, do professor Sebastião Votre na UFRJ com representantes em varias universidades do país (CEZARIO & VOTRE, 2013, p.153).

Como diz Tarallo, cabe a nós investigar aquilo que varia e como a variação pode ser sistematizada, pois ela acontece em todo momento, em todo lugar onde existe uma comunidade de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

- ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras I**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- BAGNO. Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G.H.; SOUZA, C.M.N. de (Orgs.) **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: Martelotta, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COSTA M. A. Estruturalismo. In: Martelotta, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- DUBOIS, Jean ET al. **Dicionário de Linguística**. 11 reimp. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Linguistics. In: **Principios de Sociolingüística y Sociología Del lenguaje**. Barcelona: Editorial. Ariel, SA:1988.
- FIORIN. José Luiz. (Org.) . **Linguística? Que é isso?**. São Paulo. Contexto, 2015.
- KENEDY. Eduardo. Gerativismo. In: Martelotta, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M.M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MCCLEARY, L. **Curso de licenciatura em Letras-Libras**. UFSC. 2007.
- MENDES. Ronald Beline. Língua e variação. In: FIORIN. José Luiz (Org.) et al. **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- NEGRÃO. Esmeralda Vailat. A natureza da linguagem humana. In: FIORIN. José Luiz (Org.) et al. **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2015.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. De Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidro Blikstein. 24º Ed. São Paulo: Pensamento - Cultrix, 2002.
- SILVA, V. L. P. da. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à sociolinguística: tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

WEINREICH, U.; LABOV.; HERZOG, M.. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006 [1968].

SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo. **Variabilidade Linguística e Gramática Funcional: Inter – Relação possível ou necessária?** Disponível em:

<http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n2/inter_estudos/variabilidade.html > Acesso em 06 de out. 2016.

SILVA, Flavia Regina Neves da. Resumo: **O que é linguística?** Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABTh0AK/linguistica-i>>. Acesso em 06 de out. 2015.

Concepções sobre linguagem na ótica de Saussure, Labov e Bakhtin. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/concepcoes-sobre-linguagem-na-otica-de-saussure-labov-e-bakhtin/9813/>> Acesso em: 23 de out. 2015.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/diglossia> >. Acesso em 10 de jan. 2016.